

Nos bastidores de um jornal operário: comentários sobre o processo de produção e circulação do jornal *A Terra Livre* entre os anos de 1905 e 1910

Autor: Lucas Thiago Rodarte Alvarenga
Doutorando em História – UNESP/Assis-SP
lucgenesis@yahoo.com.br
Bolsista FAPESP

Resumo:

O propósito deste trabalho é analisar o jornal libertário anarquista *A Terra Livre*, lançado em São Paulo em 1905, tendo sua circulação até o ano de 1910. O artigo prioriza o jornal em sua concepção, estruturação e formas de veiculação, bem como a atuação de seus idealizadores: Edgard Leuenroth e Neno Vasco, jornalistas e importantes militantes libertários da época. Nessa análise, busca-se identificar e compreender as diversas estratégias buscadas pelos idealizadores para criar um novo jornal e mantê-lo em circulação entre os trabalhadores brasileiros da época, dada as dificuldades financeiras para a sua sobrevivência. Em suma, o artigo mostra a realidade em se fazer jornalismo independente no início do século XX no Brasil.

Palavras-chave: jornalismo; intelectuais; militância política; cultura libertária;

1. Introdução

O artigo aqui apresentado é parte de um trabalho, desenvolvido em regime de doutorado e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sob o processo 2018/16271-7. A pesquisa trata, entre outros impressos, do jornal anarquista *A Terra Livre*, priorizando o jornal, em específico, em sua concepção, estruturação e formas de veiculação, bem como a atuação de seus idealizadores: Edgard Leuenroth e Neno Vasco, jornalistas, anarquistas e importantes militantes libertários da época. Nessa análise, espera-se identificar e compreender as redes sociais formadas pelo conjunto jornalistas/leitores/subscritores e o papel delas como contribuinte para a circulação do impresso e para consolidação de bases do movimento operário, bem como

analisar o processo de disputa pela cultura literária paulistana, evidenciando as movimentações hegemônicas dos jornais de grande circulação pelos círculos de poder na sociedade civil e pela tentativa dos jornais operários e suburbanos¹ em contrabalancear esses jogos de poder. O artigo aqui elaborado é parte da pesquisa ainda em desenvolvimento.

Os estudos dos jornais operários tornaram-se fontes preciosas para entender o processo de organização e sociabilidade da classe trabalhadora no início da industrialização do Brasil. Diversos foram os trabalhos publicados, intensificados a partir da década de 1970, e que ofereceram um panorama primordial sobre a produção jornalística dos trabalhadores desde o início do século XX e se estendendo até os dias atuais. Mais do que obras já consagradas, estes estudos jogaram luz em uma gama de fontes – antes relegadas pelos historiadores – abrindo uma nova possibilidade para conhecermos as lutas dos trabalhadores e seus processos de sociabilidade dentro do contexto das grandes metrópoles brasileiras da época.

Para as autoras Heloísa Cruz e Maria do Rosário Peixoto², transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e o estudo da imprensa, assim como de quaisquer outros materiais selecionados pelo historiador, não se esgota nela mesma. Como espaço privilegiado de poder e mobilização da opinião pública, a imprensa atua sob normas e condições que expressam uma determinada correlação de forças com as quais interage de forma ativa.

Para a autora Maitê Peixoto³, ao encarar a imprensa operária enquanto fonte, o pesquisador está optando por utilizá-la como suporte para reflexões que ultrapassam os limites do jornal em si, enfatizando, entre outros aspectos, as discussões que dizem

¹ O termo “jornais suburbanos”, citando o trabalho do pesquisador Leandro Climaco Mendonça, remonta aos jornais produzidos pelas classes operárias, relegadas a residir em bairros afastados do centro econômico e social das grandes cidades e próximos das zonas industriais. O jornal *A Terra Livre*, objeto desta pesquisa, era redigido no bairro do Brás, em São Paulo, bairro operário, distante do centro comercial da cidade paulistana da época. Cf. MENDONÇA, Leandro Climaco. **Nas margens:** experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense. 2011.

² CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

³ PEIXOTO, Maitê. A partilha da experiência visual vivenciada nas páginas do jornal *A Plebe*. **Revista Latino-Americana de História**. Vol.2, nº7. Setembro de 2013.

respeito à dinâmica interna de produção e circulação do periódico. Essa perspectiva pode ser compreendida (no que se refere à imprensa operária) num passado recente, visto que boa parte desse material ainda não estava disponível nos arquivos.

Tânia Regina de Luca⁴ também argumenta que os jornais não são, na maioria das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os tornam projetos coletivos e devem ser encarados como tal pelo historiador, pois agregam pessoas em torno de ideais, crenças e valores que se pretende discutir, a partir da palavra escrita.

Os jornais das classes trabalhadoras, além de produção cultural de uma classe, são também um produto de uma luta social, resultado de um processo de negação da realidade vigente. Além de ser a fonte privilegiada para o estudo do movimento operário e para a própria caracterização da classe trabalhadora nos primórdios do regime republicano no Brasil, a imprensa operária torna-se uma possibilidade de conhecimento das iniciativas políticas dos trabalhadores do início da República.

É nesse aspecto que se encaixa a pesquisa sobre o cotidiano de produção do jornal anarquista paulistano *A Terra Livre*. A publicação, de periodicidade quinzenal, foi lançado originalmente em São Paulo em 1905, e posteriormente mudou sua redação para o Rio de Janeiro em 1906. O periódico foi idealizado por iniciativa dos anarquistas Edgard Leuenroth e Neno Vasco, ambos jornalistas e militantes libertários ligados à classe operária. O jornal teve uma tiragem de 75 exemplares, durante toda a sua vida de publicação, entre 1905 e 1910. Esse artigo trará um panorama sobre a vida desse periódico, evidenciando, principalmente, todas essas dificuldades enfrentadas pelos editores que os obrigava a tomar as mais diversas iniciativas para tentar conter o fim da publicação e do espaço dedicado à educação política dos trabalhadores.

2. O grupo de redatores: o coração e a mente de um jornal libertário

Desde o fim do século XIX, o Brasil passava por uma intensa transformação, fruto, em grande parte, da proclamação da República, do início da industrialização e da

⁴LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. 2. ed. 2ª impressão. São Paulo: Contexto, 2000.

imigração em massa. Tais transformações nem sempre foram benéficas à grande população⁵. A cidade do Rio de Janeiro e, principalmente, São Paulo foram os centros urbanos que mais evidenciaram esta realidade.

Essa nova parcela populacional presente nos grandes centros urbanos foi praticamente relegada do processo político e econômico, já que o Estado adotou uma posição liberal clássica de não-intervenção nas relações entre capital e trabalho⁶. Criara, assim, um cenário perfeito para a disseminação de teorias libertárias com o objetivo de educação e politização dos trabalhadores. Muitas se espalharam pelos bairros operários, mas uma em especial, arrebatou os trabalhadores e transformou a vida pública do operário: o anarquismo.

No período entre 1890 e 1897 o anarquismo constituiu seus primeiros grupos e realizou suas primeiras ações tendo como protagonistas ativistas italianos recém-chegados ao estado de São Paulo⁷. Foi somente após a presença destes militantes em terras brasileiras e seu contato com trabalhadores locais, e outros de origem portuguesa, espanhola, etc., que o movimento passou a ganhar dinâmica e se expandir em outras redes interpessoais e a constituir base para o trabalho militante dentro das classes populares presentes em São Paulo, mas também no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e outros locais do Brasil.

Em geral, o movimento anarquista apresentou no país uma estratégia pela utilização de formatos descentralizados e não hierárquicos. Mobilizavam-se em grupos de militantes, centrando-se numa organização interna em torno de papéis a serem exercidos ou funções rotativas a serem desempenhadas, de acordo com a finalidade do grupo: edição de periódicos, experiências comunais, grupos de propaganda ou de

⁵ A emergência da República brasileira é marcada por um condicionamento peculiar no trato da chamada “questão social”. O fim da escravidão negra e da monarquia não se traduziu em melhorias nas condições de vida dos segmentos populares. Paralelo a esses acontecimentos deu-se o estabelecimento da industrialização em massa no país, ao lado de uma intensificação da imigração de trabalhadores europeus para suprir uma mão de obra em falta no mercado. Cf. HALL, Michael. Imigrantes da cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX (1890-1954)**. Vol.3. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2004.

⁶ Nesse momento o país não possuía qualquer legislação trabalhista e, ao mesmo tempo, não reconhecia a representatividade das atividades sindicais que se iniciavam no Brasil. Cf. MAGNANI, Silvia Lang. **O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917)**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1982. p. 26;

⁷ BIONDI, Luigi. **Classe e nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo (1890-1920)**. Campinas: Ed. Unicamp, 2011; p. 135; MAGNANI, Op. cit., p. 60.

afinidade. Esses grupos eram responsáveis por uma variedade de iniciativas: organização de sindicatos; fundação e manutenção de escolas racionalistas e de bibliotecas populares; redação de periódicos; edição, tradução e circulação de obras anarquistas; etc. Esse formato de organização interna foi trazida por militantes anarquistas ao Brasil, pela imigração, como meio de organização e luta⁸.

Seguindo o raciocínio, todo jornal libertário se torna um projeto coletivo, fruto da ação entre indivíduos dispostos à educação dos trabalhadores. Grupos com afinidades políticas semelhantes, e desejosos pela propaganda, organizavam-se com o intuito de estabelecer vínculos entre os trabalhadores dos mais diversos lugares do Brasil. O desejo era sempre pela mobilização do operário frente à sua condição de miséria. Um grupo de afinidade e de propaganda, ao editar um jornal, precisava montar uma rede de contatos no intuito de viabilizar a circulação das edições a um maior número de leitores possíveis, em diversas regiões do país e, em contrapartida, aumentar o número de financiadores dos próximos números do periódico. Em suma, o jornal operário era um projeto coletivo, assim como a educação libertária. O grupo de propaganda sempre buscava este objetivo.⁹

A partir de 1900, a diversidade e pluralidade étnica do movimento anarquista, facilitada pela sua cultura internacionalista, passa a se afirmar na cidade de São Paulo, por meio dos contatos entre os ativistas aqui presentes e outros em diversos países. O resultado dessa pluralidade é o surgimento de diversos jornais operários, de diversas vertentes políticas, como *A Terra Livre*, jornal anarquista, independente, com conteúdo sindicalista e objeto deste artigo.

No dia 30 de dezembro de 1905, saía em São Paulo o primeiro número do jornal. O advogado português e militante político Neno Vasco foi o responsável pela

⁸ TOLEDO, Edilene. **Travessias revolucionárias**: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945). Campinas: Ed. Unicamp, 2004. Pg. 47.

⁹ “A ação mais difundida entre os anarquistas era, como dissemos, a do grupo de propaganda. De fato, a base da vida política do anarquismo no Brasil era a cooperação voluntária entre pequenos grupos distintos, espontaneamente constituídos. Não parece que esses grupos tivessem estrutura fixa. Provavelmente, os novos membros entravam por recomendação de algum antigo. No interior destes grupos eram estabelecidos acordos tácitos e estratégias comuns para a otimização de esforços e reflexão sobre os meios a serem empregados em determinadas tarefas”. Cf. TOLEDO, Edilene. **Em torno do jornal O Amigo do Povo**: os grupos de afinidade e propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 1993.

organização do grupo de editores do jornal, além de ser o principal editor. Para Neno Vasco, a criação de um novo jornal significava a continuidade de sua obra, tenho em vista as inúmeras tentativas de sobrevivência feitas em prol do *Amigo do Povo*¹⁰, jornal anarquista que circulava anteriormente na cidade de São Paulo e a sua ocupação com a escrita de uma nova revista anarquista, a revista *Aurora*¹¹, publicada desde fevereiro de 1905. Para um escritor, um propagandista, o aumento do espectro de divulgação de sua obra converte-se num desafio de grande valor teórico, sobretudo para o militante anarquista¹².

Para a administração do periódico foi convidado o jovem libertário Edgar Leuenroth, recentemente convertido ao anarquismo pelos companheiros Ricardo Gonçalves e Benjamin Mota¹³. Leuenroth, apesar de jovem, já detinha certa experiência na confecção de jornais, já que fora administrador de dois pequenos periódicos que circulavam pelo bairro do Brás, em São Paulo: o *Boi* e a *Folha do Brás*.

Dois fatos podem ilustrar a participação importante desse periódico dentro da militância anarquista brasileira. O primeiro fato que determinou os esforços doutrinários

¹⁰ O autor Alexandre Samis, em sua biografia sobre Neno Vasco, nos esclarece as inúmeras tentativas de coibir a extinção do jornal *O Amigo do Povo*: “As dívidas, a falta de subscrições que pudessem fazer frente às significativas despesas, não permitiram a longevidade desejada pelos entusiásticos promotores. Haviam tentado de tudo: enviar pacotes fechados para o interior do estado e para o Rio de Janeiro, com valores consignados, mas em nada resultara. A alternativa foi extinguir a publicação do jornal.”. Cf. SAMIS, Alexandre Ribeiro. **Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o anarquismo e as estratégias sindicais nas primeiras décadas do século XX**. Tese de doutorado - Universidade Federal Fluminense, 2009. Pg. 101.

¹¹ No editorial da primeira edição da revista, Neno Vasco escreve: “Esta revista, defenderá, no campo econômico e moral, o socialismo. (...) No campo político, sob o ponto de vista da organização e do método, a revista defenderá a anarquia. É quanto basta. Fazer promessas e longos programas é inútil. O tempo dirá o valor desta pequena revista.”. **Revista Aurora**. Ed. nº1. Fev.1905.

¹² A autora Cláudia Leal afirma que os militantes “tencionavam incentivar a leitura não apenas nos que desconheciam as ideias libertárias, nos ‘estranhos à anarquia’, mas também nos militantes e companheiros da ideia, que poderiam utilizar os textos e artigos para reforçar suas convicções ou mesmo como sugestões de abordagens de propaganda. (LEAL, 1999. Pg. 19).

¹³ O início de sua militância, segundo relatos de Yara Khoury, autora de sua biografia, dá-se nos núcleos anticlericais e de livre pensadores, que nucleavam sobre o jornal *A Lanterna*, lançado em 1901 pelo militante e grande amigo Benjamin Mota. Paralelo à sua entrada na Liga Anticlerical, Edgard começa a frequentar o círculo socialista 1º de Maio, parte da Federação do Estado de São Paulo do Partido Socialista Brasileiro, que integrou até 1904. Dentro dos quadros do círculo, o libertário conhece o militante Ricardo Gonçalves, grande responsável por lhe apresentar as primeiras obras teóricas sobre o anarquismo. Já sensibilizado pelas obras de Kropotkin e Malatesta, logo Edgard abandona o socialismo para se tornar um libertário anarquista, fato que o acompanharia até o fim da sua vida. Cf. KHOURY, Yara Maria A. **Edgar Leuenroth: uma voz libertária**: Imprensa, memória e militância anarco-sindicalista. São Paulo: Tese de Doutorado em Sociologia, USP, 1988.

de Neno Vasco foi a aproximação do jornal *A Terra Livre* com o movimento anarquista presente na cidade do Rio de Janeiro, representada aqui pelo grupo de afinidade *Novo Rumo*, que se concentrava em publicar um jornal homônimo, ainda em 1905.

Outro fato, digno de nota, que culminaria na criação e dinamização do jornal *A Terra Livre*, é a mudança de Leuenroth para o Rio de Janeiro, em 1905, na ocasião para trabalhar nas tipografias dos jornais *A Imprensa* e do periódico lusitano *Portugal Moderno*¹⁴. O trabalho em outro estado não foi fator limitante para que Edgard aceitasse o convite de Neno Vasco. Leuenroth não só aceitara o convite de administrador como passara a assinar, com pseudônimos, temendo sua demissão dos referidos jornais, algumas publicações dentro do jornal *A Terra Livre*. A presença de Leuenroth no Rio de Janeiro pode ter facilitado a aproximação dos grupos anarquistas da *Terra Livre* e do jornal *Novo Rumo*, dado à amizade de Neno, e a presença de outros companheiros como Luigi Magrassi e Manuel Moscoso, dentro do grupo *Novo Rumo*.

Esses dois fatores contribuíram muito para, em 1906, acelerar a mudança da redação do periódico para o Rio de Janeiro, onde seria publicado até o fim de 1907. É nesse período que o jornal ganha maior notoriedade entre o movimento anarquista brasileiro, se tornando o maior porta voz dos trabalhadores de língua portuguesa, já que os trabalhadores italianos contavam com um jornal redigido em sua língua materna, o *La Battaglia*. O cotidiano de publicação do jornal, bem como suas maiores dificuldades enfrentadas, serão descritos nas próximas páginas deste artigo.

3. As características de um jornal operário: da ideia à diagramação

Em São Paulo, apenas na virada do século XIX para o XX, temos o crescimento e a circulação de diversos tipos de jornais. Estima-se que foram impressos mais de 600 publicações paulistanas, de diferentes espectros e vinculações políticas¹⁵. Paralelo a esse movimento, seguia uma modernização dos processos de produção dos jornais e a mecanização das tipografias. Temos ainda que ressaltar que a maioria destes jornais profissionalizou a sua administração, sendo tratados, a partir de então, como empresas

¹⁴ **Jornal Dealbar**. Ed. nº 17. Dez. de 1968.

¹⁵ CRUZ, Heloísa Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana, 1890-1915**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013. p. 53.

geradoras de lucros e, diante disso, passaram a apresentar uma dinâmica organizacional distinta. Com a profissionalização da administração destes jornais, a redação foi desmembrada da produção/impressão dos mesmos. Grandes oficinas de tipografia foram incorporadas aos periódicos, sempre com o objetivo de aumentar a tiragem e dinamizar o processo produtivo¹⁶.

A partir de 1903, os jornais passam a adquirir máquinas de compor e modernizar, também, o setor de composição passando de 1200 tipos por hora, numa composição manual, para mais de 10 mil tipos do hora, numa máquina Linotipo ou Monotipo¹⁷. A vinda destas máquinas, evidentemente, foi um choque para a classe tipográfica, que passou a mobilizar-se e reivindicar novas formas de pagamento de salários e alterações de jornadas de trabalho¹⁸.

Obviamente, essas alterações no campo de trabalho foram sentidas pelos operários que tratavam de se mobilizar frente as mudanças e se organizarem para, pelo menos, melhorar as condições de salário e emprego. Essa, e outras causas que envolviam a classe trabalhadora, contribuíram para o surgimento dos jornais libertários.

As diferenças entre este tipo de imprensa e o jornalismo diário, preocupado em reter o excepcional ou a informação fresca que já se constituíam como elementos fundamentais da notícia, também merecem ser registradas. A compreensão de que a imprensa diária defendia interesses opostos aos dos trabalhadores, e que muitas vezes ela servia aos patrões ou jornalistas para atacarem e desqualificarem as folhas e organizações populares, bem como as suas reivindicações, cristalizando a hegemonia dominante dessa classe, ganha expressão por meio de críticas e denúncias contra jornais,

¹⁶ RENDA, Arthur José Vitorino. **Máquinas e Operários: mudança técnica e sindicalismo gráfico** (São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1912). São Paulo: Ed. Annablume. FAPESP, 2000. p. 57.

¹⁷ É a autora Dúnya Azevedo que nos traz maiores informações sobre a evolução dos processos de composição: “No processo de composição manual, os tipógrafos retiravam os tipos das caixas para compor as linhas, processo que se fazia à velocidade de 1.200 a 1.500 caracteres por hora. A composição mecânica em linotipo agilizou consideravelmente o processo, passando a ser compostos de 6 mil a 9 mil caracteres por hora”. Cf. AZEVEDO, Dúnya. A evolução técnica e as transformações gráficas nos jornais brasileiros. **Revista Mediação**. Belo Horizonte, vol. 9, n. 9, jun/dez. de 2009. p. 85.

¹⁸ RENDA, *Op. cit.* p. 68.

colunas ou jornalistas específicos. Esse fato pode ser evidenciado em diversas ocasiões no jornal *A Terra Livre*¹⁹.

O protagonismo da impressão e distribuição dos jornais ficava, inicialmente, por conta das empresas especializadas em realizar trabalhos gráficos, e, em grande medida, trabalhos tipográficos. Nos bairros afastados do centro econômico das grandes cidades, pequenas tipografias também foram responsáveis pelo processo de montagem e impressão dos jornais, sobretudo os impressos operários. O trabalho era realizado, em grande parte, de maneira manual e dependia da mão de obra dos tipógrafos e compositores, sendo estes grandes protagonistas da imprensa operária que surge neste momento²⁰.

Os periódicos apresentavam um recurso limitado em seu número de páginas e nos recursos de prensagem. Geralmente impresso em 2 ou 4 páginas, as tipografias aproveitavam as medidas do papel jornal vendido no Brasil naquela época²¹. Os periódicos contavam com uma medida de página aproximado de 32 cm de largura, num formato denominado “ofício”. Também se imprimia em 4 páginas, tomando a área de impressão completa do papel, aproximando-se da medida de 65 cm de largura. Tinham-se ainda as limitações da largura apresentadas pelas prensas mecânicas, seja de madeira, seja de metal, das tipografias da época. Os recursos visuais no início do período tipográfico eram poucos, e restringiam-se a filetes, variações na tipografia (fontes),

¹⁹ A título de exemplo escolhemos uma passagem retirada da edição nº 11 de junho de 1906: “*O Commercio de São Paulo descobriu nossa atividade, dizendo a propósito dum livro do advogado Evaristo de Moraes, ‘Apontamentos de Direito Operário’, no qual o jornal fala, ‘o autor parece ter dito em vista apontar principalmente aos legisladores brasileiros o caminho a seguir a fim de evitar a luta de classes e a exploração do socialista anárquico’. Que espécie de exploração será a nossa? A propaganda só nos dá despesas e nos tira tempo. (...) A nossa exploração só nos pode render o afastamento, a calúnia, as perseguições do patrão, dos jornais e do governo.*” Cf. **A Terra Livre**. Ed nº 11. Junho de 1906.

²⁰ “*Era comum para diversos proprietários de periódicos a utilização do maquinário de composição e impressão dos jornais no estabelecimento de um comércio de impressão e encadernação nos bairros. Praticamente todos trabalhavam com esse tipo de serviço, amplamente anunciado nas áreas destinadas à propaganda de suas folhas. A necessidade de imprimir teses, estatutos, relatórios, diplomas, cartões, jornais ou revistas, de pequeno ou grande porte, poderia ser solucionada através dos serviços tipográficos de empresas instaladas nos subúrbios, um poderoso indicativo do expressivo aumento das relações mercantis também nos espaços mais afastados do centro urbano da capital carioca*”. Cf. MENDONÇA, op. cit., p. 55-56.

²¹ FREIRE, Eduardo Nunes. O design no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.291-310, dez. 2009.

algumas ilustrações e, posteriormente, fotografias de baixa qualidade, ou uso de litografias²².

O redator pouco interferia no processo de diagramação, no desenho das páginas ou na escolha da imagem que ia ilustrar o texto. Este era um serviço gráfico do tipógrafo. Era este profissional que decidia sobre todos os atributos visuais que seriam apresentados na versão final do periódico. O redator, na maioria das vezes, só veria o resultado do trabalho quando o jornal já estava impresso. Talvez, por esse motivo os jornais da época apresentavam tantos erros de grafia e informações imprecisas, em grande parte devido a erros provocados pela montagem dos jornais na tipografia²³.

Por se tratarem de veículos de propaganda e agitação sindical, esses jornais não dispunham de recursos suficientes para garantir um espaço fixo e habitual para a publicação de imagens, nem para investirem em recursos estilísticos para melhorar a aparência do jornal. Talvez, nem pensavam nesse aspecto; imagens e recursos gráficos raramente eram vistos em meio aos textos longos e de letras minúsculas que ocupavam todo o espaço disponível nas folhas de tamanho A3. O que era importante para esses militantes era a propaganda pela palavra escrita.

4. Os desafios em se publicar um jornal operário: o periódico *A Terra Livre*

O jornal *A Terra Livre* contava com uma tiragem média de 3000 exemplares; esse número pôde ser extraído pela pesquisa nas prestações de contas divulgadas sempre ao fim do jornal com o nome “Munições Para a Terra Livre”²⁴. Na edição número 09, de 15 de maio de 1906, há esta prestação de contas das duas edições lançadas naquele determinado mês: uma em ocasião das comemorações do Primeiro de Maio e outra lançada na segunda quinzena do mês, como era feito normalmente. Na edição comemorativa, o jornal saíra com uma tiragem de 4000 exemplares, a um custo de 118\$000 réis totais²⁵. Na segunda edição do mês, os custos de produção foram 80\$000 réis totais, para uma tiragem de 3000 exemplares. Para um jornal operário era uma

²² FREIRE. *Op. cit.* p. 296.

²³ AZEVEDO, *Op. cit.* p. 82.

²⁴ **A Terra Livre**. Ed nº 2,3,4,5 de 1906.

²⁵ **A Terra Livre**. Ed. nº 9. Maio de 1906.

tiragem significativa, bastante aproximada dos jornais comerciais que circulavam na capital paulista naquele momento. Claro, uma tiragem significativa como esta tinha um objetivo conciso: chegar ao maior número de operários possível em todo o território nacional e até no exterior.

Nesta mesma edição, há um editorial onde os redatores expõem à classe operária o desejo de publicarem o jornal semanalmente. O editorial acaba nos revelando detalhes importantes sobre o expediente do jornal e as formas de organização da parte administrativa para que o periódico pudesse sair da melhor forma possível, dado às dificuldades em levantar os recursos para a impressão e circulação do mesmo. Os redatores faziam a questão absoluta de relatar que a folha não era uma empresa comercial, e como tal, dependia da doação financeira dos trabalhadores para sobreviver²⁶.

Segundo o raciocínio desenvolvido pelos redatores, e tomando como ponto de partida toda a série de gastos em cada edição durante o primeiro ano de publicação²⁷, podemos enumerar os gastos particulares que fazem parte de todo o processo de produção do jornal. Segundo os dados coletados pela prestação de contas, as despesas principais, em média, para a impressão do jornal eram:

DESCRIÇÃO DAS DESPESAS	VALOR
Impressão	20\$000
Papel	10\$000
Composição	50\$000

²⁶ Com a palavra o redator principal do jornal, Neno Vasco: “*esta pequena folha não é uma empresa mercantil ou jornalística, não é um instrumento de especulação individual ou um repositório de pequeninas vaidades. (...) Os camaradas sabem que este jornal vive das assinaturas e sobretudo da subscrição voluntária; não tem outros recursos. Para viver precisamos do dinheiro bastante para o papel, a impressão, a composição, uma pequena quantia para a renovação do tipo e o correio. (...) As despesas poderemos talvez fixá-las em 90\$000 por número. Serão, portanto, 360\$000 réis por mês para uma publicação semanal do jornal. Esperamos poder contar convosco*”. Cf. Publicação semanal de “A Terra Livre”. Cf. **A Terra Livre**. Ed. nº 9. Maio de 1906.

²⁷ As informações mais precisas sobre a vida econômica quando se referem à tiragem, valores gastos em cada produção e doações coletadas são encontrados mais comumente nas páginas do primeiro ano de publicação da folha. Nos outros anos, com a mudança na direção administrativa, as informações foram ficando mais esparsas até desaparecem por completo no último ano de publicação.

Renovação dos tipos	5\$000
Gastos com o correio	15\$000
TOTAL	100\$000

Tabela 1 – Descrição das despesas para a impressão de uma edição do jornal *A Terra Livre*

Sendo assim, a impressão do periódico sempre era uma tarefa incerta com relação aos custos de produção do mesmo. Ainda que os redatores, expondo a tentativa de fixar um valor mínimo para a impressão (90\$000 réis), raramente essa quantia fechava no caixa da administração. Numa análise pelas despesas gerais²⁸ contraídas pelas impressão e divulgação do impresso o leitor pode perceber a variação dos custos de produção para cada jornal, durante o primeiro ano de publicação. Em poucas edições os valores gastos aproximaram-se do teto sugerido pelos redatores. Obviamente, a tarefa se convertia num esforço maior para coletar doações em prol do impresso. Como em muitos casos os valores coletados não correspondiam às expectativas dos redatores, isto resultava em déficits ao fechamento da edição e comprometia a saúde financeira do jornal.

Se tomarmos em consideração a quantia doada ao longo deste primeiro ano, o leitor poderá perceber que o déficit é bastante acentuado. Entretanto, outra análise tende a suavizar os números, pois a prestação de contas em cada edição tratava sempre do fluxo de caixa da administração, isto é, a relação entre entrada de doações, por meio da subscrição voluntária e a saída de dinheiro para cobrir despesas atrasadas, impressão e circulação da folha naquela dada edição. Se considerarmos a análise do fluxo de caixa, edição por edição, a situação do jornal tende a melhorar, mas não desconsidera ainda o rombo na passagem de um ano para o outro²⁹.

²⁸ As despesas gerais são demonstradas a seguir: ed. nº1: **120\$800**; ed. nº 2: **147\$300**; ed. nº 3: **90\$000**; ed. nº 4: **90\$000**; ed. nº 5: **114\$500**; ed. nº 6: **89\$170**; ed. nº 7: **89\$170**; ed. nº 8: **113\$900**; ed. nº 9: **113\$900**; ed. nº 10: **95\$000**; ed. nº 11: **95\$000**; ed. nº 12: **105\$250**; ed. nº 13: **105\$250**; ed. nº 14: **134\$800**; ed. nº 15: **98\$600**; ed. nº 16: **103\$000**; ed. nº 17: **103\$500**; ed. nº 18: **100\$000**; ed. nº 19: **103\$000**; ed. nº 20: **102\$000**; ed. nº 21: **107\$850**; ed. nº 22: **107\$850**; ed. nº 23: **123\$100**; ed. nº 24: **120\$400**. Em todo o primeiro ano de edição somou-se uma quantia de **2:573\$340** para as despesas totais de circulação do impresso.

²⁹ Os valores coletados mediante subscrição voluntária, no primeiro ano de publicação, descrevem-se a seguir: ed. nº1: **70\$100**; ed. nº2: **138\$900**; ed. nº3: **46\$500**; ed. nº4: **46\$950**; ed. nº5: **95\$300**; ed. nº6: **99\$670**; ed. nº7: **99\$670**; ed. nº8: **105\$650**; ed. nº9: **105\$650**; ed. nº10: **58\$000**; ed. nº11: **58\$000**; ed.

Sob o ponto de vista econômico, a subscrição voluntária foi crucial para observarmos as movimentações por parte dos editores para a sobrevivência do periódico. As relações entre doações e assinaturas oscilavam vertiginosamente, enquanto as despesas, sempre crescendo de uma maneira mais estável, obrigavam Neno e Leuenroth a tomarem decisões drásticas, a título de exemplo, abandonando a ideia de uma publicação semanal da *Terra Livre*. Nos outros anos de publicação da folha anarquista, a situação ainda não se diferenciou, acentuando-se a oscilação das doações, sobretudo quando o periódico se muda para o Rio de Janeiro. Os valores doados aumentam em quantidade, mas a regularidade é severamente comprometida, devido à decisão dos editores em tornar a publicação semanal por um curto intervalo de tempo entre maio e outubro de 1907.

As fontes coletadas dão conta apenas até a publicação número 64, em setembro de 1908; o jornal não foi mais publicado naquele ano, e este fato culminou no seu breve silêncio, durante todo o ano de 1909. Não sabemos se a condição financeira, agravada pelo déficit considerável presente nesta última edição catalogada em 1908, que se apresentava em 310 mil réis, corroborou para o silêncio. O que se pode determinar pela análise das fontes é sua última arrecadação de listas de subscrição dando conta de apenas 74 mil réis. Somado às diversas despesas com impressão, correio, entre outros, o déficit pôde chegar a esse valor acima citado. Porém, essa constatação não pode ser considerada como fator preponderante para o cancelamento provisório da publicação, haja vista que em diversos momentos o periódico sofreu com déficits esmagadores, inclusive maiores que este citado, e ainda sim os editores optaram pela continuidade da obra de propaganda.

O jornal volta a ser publicado apenas em janeiro de 1910, com a alteração e apresentação de um novo grupo de editores. Neno Vasco deixava de ser editor do jornal para retornar a Portugal. A impressão do periódico volta para a cidade de São Paulo. O

nº12: **78\$800**; ed. nº13: **78\$800**; ed. nº14: **110\$600**; ed. nº15: **98\$100**; ed. nº16: **110\$700**; ed. nº17: **98\$000**; ed. nº18: **140\$800**; ed. nº19: **40\$300**; ed. nº20: **98\$300**; ed. nº21: **98\$300**; ed. nº22: **85\$800**; ed. nº23: **89\$800**; ed. nº24: **83\$900**. O total de doações registra-se o valor de **2:137\$040**. Nota-se que esse valor é bem abaixo do montante registado pelas despesas gerais com a publicação.

grupo editor é apresentado apenas como “A Administração³⁰”. As últimas publicações do jornal, tomam conta o fim deste ano. A última edição, datada de 06 de novembro, vêm marcada pela intenso apelo para que os trabalhadores colaborem para a continuidade da obra de propaganda e busca possíveis pessoas que possam dialogar com os editores do jornal³¹.

E mesmo com estas declarações, após esta edição, o jornal não foi mais publicado em São Paulo. A análise das fontes, somente, não nos oferece uma resposta para o fim do periódico. Segundo o autor Alexandre Samis, os acontecimentos na política brasileira, somados aos inúmeros revezes na propaganda operária contribuíram para o esvaziamento deste e de outros jornais libertários, não só em São Paulo, mas na capital federal³².

Seguindo os passos de Alexandre Samis, podemos supor que o jornal deixara de circular, talvez por dificuldades financeiras, talvez por receio dos anarquistas que dirigiam o jornal naquele momento. Muitos eram imigrantes e temiam pela deportação do Brasil, desde 1907³³. Muitos já tinham famílias e temiam ser expulsos do Brasil e sofrer mais privações da que já sofriam diariamente. O resultado, talvez, contribuíra para a desistência da publicação por parte dos editores. E é interessante perceber pelas

³⁰ Expediente. **A Terra Livre**. Ed. nº 66. Jan.1910.

³¹ “*Pedimos a todos os amigos sinceros, para que tomem interesse pelo jornal, fazendo-o circular quanto mais possível fôr. (...) Aceitamos correspondências para ser publicada, de qualquer ponto do Brazil. (...) Aceitamos polêmica com qualquer cidadão sério, que suponha ter sérias razões contra as nossas doutrinas. (...) A Terra livre por enquanto saíra quinzenalmente; logo que aumentar o número de leitores, saíra semanal. (...) Lembramos a todos os nossos leitores que de qualquer modo puderem auxiliar-nos, que não se façam esperar. Lembrem-se que não somos capitalistas e que da boa vontade de todos e de cada um é que este jornal poderá viver*”. Cf. **A Terra Livre**. Ed. nº 75. Nov.1910.

³² “*No Rio de Janeiro o movimento revolucionário experimentava um certo refluxo desde o fim de 1909. A crise geral da economia, em parte, contribuíra para o declínio das organizações operárias mais atuantes neste campo, situação essa que se prolongaria até 1912. A posse do marechal Hermes da Fonseca prepararia o país não apenas para expulsar mais imigrantes, mas para também impedir a entrada do “rebotalho social”, no caso dos anarquistas, também expulsos da República Argentina. (...) Os anarquistas viam-se assim mais uma vez ameaçados*”. Cf. SAMIS, *op. cit.* p. 140-141.

³³ “*Em janeiro de 1907, é sancionado o decreto 1641, a chamada lei ‘Adolpho Gordo’, do homônimo deputado, que ‘regularizava a expulsão, de parte ou de todo o território nacional, dos estrangeiros que comprometessem a segurança nacional ou a tranquilidade pública. A partir daí a polícia paulistana vinha perseguindo os redatores de diversos jornais, com vigilância constante, detenções para esclarecimentos, depoimentos e arrolando outras testemunhas para processos que estavam sendo movido contra muitos anarquistas como: Oreste Ristori, Alessandro Cerchiai e Giullio Sorelli, por crime contra a segurança nacional.*” Cf. ROMANI, Carlo. **Oreste Ristori**: uma aventura anarquista. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 1998. p. 141-142.

declarações presentes neste último editorial que não era intuito dos editores o fim da circulação periódico, por isso as suposições, baseadas nas escassas informações presentes nas fontes, nos deixam com sensações controversas a respeito do fim abrupto da produção do jornal. O que podemos confirmar que este era o fim deste que fora um dos jornais anarquistas pioneiros nas críticas às péssimas condições de trabalho enfrentadas pela sofrida classe trabalhista brasileira. Os editores ainda se esforçariam em continuar a obra de propaganda libertária se espalhando por outros jornais ainda ativos, ou se esforçando em criar novos periódicos, como foi o caso de Edgard Leuenroth que assumiu o periódico anticlerical *A Lanterna*, em 1909, e em 1917, se esforçou para criar o jornal libertário de maior longevidade na primeira metade do século XX: *A Plebe*. Mas esta é uma outra história.

REFERÊNCIAS:

FONTES CONSULTADAS (Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP):

Fonte principal:

A Terra Livre – RJ e SP, 1905-1908, 1910.

1905 – edição número 1;

1906 – edições número 2 a 23;

1907 – edições número 24 a 53;

1908 – edições número 54 a 64;

1910 – edições número 65 a 75;

Fontes complementares:

O Boi – SP, 1897;

A Folha do Bráz – SP, 1900;

Revista Aurora – SP, 1905.

O Amigo do Povo – SP, 1902-1903;

Novo Rumo – RJ, 1905; 1910;

Jornal Dealbar – SP, 1968;

DEMAIS REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, Dúnya. A evolução técnica e as transformações gráficas nos jornais brasileiros. **Revista Mediação**. Belo Horizonte, vol. 9, n. 9, jun/dez. de 2009.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. 3ª ed. São Paulo: Ed. Ibrasa, 1972.

BIONDI, Luigi. **Classe e nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo (1890-1920)**. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

CRUZ, Heloísa Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana, 1890-1915**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

FREIRE, Eduardo Nunes. O design no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 291-310, dez. 2009.

GODOY, Clayton Perón Franco. **Ação direta: transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908)**. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia - Universidade de São Paulo, 2013.

KHOURY, Yara Maria A. **Edgar Leuenroth: uma voz libertária: Imprensa, memória e militância anarco-sindicalistas**. São Paulo: Tese de Doutorado em Sociologia, USP, 1988.

MAGNANI, Silvia Lang. **O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917)**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1982.

MENDONÇA, Leandro Climaco. **Nas margens:** experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, 2011.

PEIXOTO, Maitê. A partilha da experiência visual vivenciada nas páginas do jornal A Plebe. **Revista Latino-Americana de História.** Vol.2, nº7. Setembro de 2013.

PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo:** a cidade na primeira metade do século XX (1890-1954). Vol.3. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2004.

RENDA, Arthur José Vitorino. **Máquinas e Operários:** mudança técnica e sindicalismo gráfico (São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1912). São Paulo: Ed. Annablume. FAPESP, 2000.

ROMANI, Carlo. **Oreste Ristori:** uma aventura anarquista. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 1998.

SAMIS, Alexandre Ribeiro. **Minha pátria é o mundo inteiro:** Neno Vasco, o anarquismo e as estratégias sindicais nas primeiras décadas do século XX. Tese de doutorado - Universidade Federal Fluminense, 2009.

TOLEDO, Edilene. **Travessias revolucionárias:** ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945). Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

_____. **Em torno do jornal O Amigo do Povo:** os grupos de afinidade e propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 1993.